

## UMA LEITURA ECOFEMINISTA PARA *THE FIFTH SACRED THING* (1993), DE STARHAWK

Mayara Carrobrez<sup>1</sup>  
Érica Fernandes Alves<sup>2</sup>  
Alba Krishna Toppan Feldman<sup>3</sup>

**Resumo:** A proposta desse artigo é apresentar uma leitura ecofeminista para o romance *The Fifth Sacred Thing*, escrito em 1993, pela sacerdotisa e ativista ambiental estaduniadense, Starhawk. O aporte teórico para tal leitura ocorre a partir das contribuições ecofeministas de Glotfelty (1996), Gaard (1996) Warren (2000) e Mies e Shiva (1993). Dialogamos com Garrard (2006) no que tange aos pressupostos ecocríticos. O objetivo desse trabalho é mostrar quais estratégias literárias a autora utilizou para discutir a filosofia ecofeminista na obra, além da realização de um breve diálogo teórico a respeito dos trânsitos entre literatura, ecofeminismo e ecocrítica.

**Palavras-chave:** Ecocrítica; Ecofeminismo; Literatura

**Abstract:** The proposal of this article is to present an ecofeminist reading for the novel *The Fifth Sacred Thing*, written in 1993, by the priestess and environmental activist, Starhawk. The theoretical contribution to this reading comes from the ecofeminist contributions of Glotfelty (1996), Gaard (1996) Warren (2000) and Mies and Shiva (1993). We talk with Garrard (2006) regarding the ecocritical assumptions. The objective of this work is to show which literary strategies the author used to discuss the ecofeminist philosophy in the work, besides the realization of a brief theoretical dialogue on the transits between literature, ecofeminism and ecocriticism.

**Keywords:** Ecocriticism; Ecofeminism; Literature

### INTRODUÇÃO

Pretendemos, com esse artigo, elencar algumas possibilidades para discussão teórica a respeito da Ecocrítica e do Ecofeminismo tendo como corpus o romance *The Fifth Sacred Thing*, de Starhawk. Em um primeiro momento, apresentaremos alguns aspectos teóricos a respeito das epistemologias escolhidas, seguido por uma breve biografia da autora. Posteriormente, introduziremos alguns aspectos da narrativa,

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura (UEM). Graduada em História (UEM). Desenvolve pesquisas sobre ecofeminismo, ecocrítica e literatura pós colonial.

<sup>2</sup> Doutora em Letras (UEM). Professora Adjunta do Departamento de Línguas Modernas (UEM).

<sup>3</sup> Doutora em Letras (UNESP / Louisville University – EUA). Docente Programa de Pós-Graduação em Letras (UEM). Experiência na área de Teoria Literária com temas: pós-colonialismo, escrita de autoria feminina, multiculturalismo.

visando a análise e a problematização e concluiremos retomando as principais ideias do texto a fim de demonstrar como as teorias Ecofeministas se fazem presente na obra escolhida.

Ressaltamos que os dados biográficos a respeito da vida de Starhawk fazem parte desse estudo visto que, como será demonstrado, a subjetividade da mesma está presente em todos os momentos da narrativa, tanto seu ativismo político quanto sua trajetória religiosa são componentes essenciais para uma análise fértil da narrativa escolhida.

O diálogo proposto nasce do entendimento que a Ecocrítica e o Ecofeminismo possibilitam uma análise fecunda das questões políticas presentes no livro assim como nos faz enxergar as estratégias literárias que a autora utiliza para alcançar o leitor em suas percepções ecológicas, além de demonstrar para o mesmo, questões outrora não problematizadas, como, por exemplo, o fato de que há uma hierarquia presente entre os seres humanos e a natureza, em que a mesma é explorada e silenciada. Similarmente, observamos a situação das mulheres, que pode ser ilustrada pelos pressupostos Ecofeministas, ou seja, por meio de tal corrente, temos aporte para pensar como, ao longo do tempo, as mulheres e a natureza têm sido exploradas, violentadas e menosprezadas diante do infinito senso de grandeza dos homens.

### **A NATUREZA, A HUMANIDADE E *THE FIFTH SACRED THING***

A noção humana do que vem a ser a natureza perpassa, muitas vezes, pela representação que vemos da mesma, seja na mídia, no próprio contato com a terra ou por meio das ambições humanas em explorar. Sendo assim, “a ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas” (BAUMAN, 1999, p. 48). A natureza compõe o planeta terra juntamente com os animais não-humanos e os minerais há muito mais tempo do que o ser humano, o que poderia significar uma hierarquia onde o respeito e a preservação da mesma prevaleceriam.

O tratamento conferido à natureza tem, convencionalmente, seguido a orientação de explorá-la, de forma compulsiva e inconsequente. O esgotamento dos recursos já não é mais um temor para este milênio, mas bate à nossa porta a cada

árvore cortada. As ações dos seres humanos no que diz respeito à exploração e desrespeito àquilo que nos mantém vivos, têm sido questionadas pelos grupos que nadam contra a corrente. O movimento em busca da preservação do meio ambiente e em defesa dos animais tem crescido ao longo dos anos ainda que alguns discursos contrários, em uma jogada política, tem negligenciado os sinais do aquecimento global. Conforme a informação tem chegado até as pessoas, os hábitos vão se modificando, busca-se uma vida mais saudável, uma reconexão urgente a natureza, que tem o poder de purificar e revigorar nossos corpos.

Em meio a esses acontecimentos, a academia não ficou para trás na onda verde que tem dado mais atenção as questões ambientais. Novos estudos e pesquisas tem trazido cada vez mais temáticas que englobam a ecosfera, a relação interespécie, o veganismo, ecofeminismo, etc.; propagando novos conhecimentos e trânsitos dentro e fora das Universidades.

Nesse contexto de caos ambiental no qual vivemos, pode-se questionar qual seria o papel da literatura. Concordamos com Soares (2010, p.1) quando afirma que

A princípio pode parecer que literatura nada tenha a ver com ecologia. Primeiro, porque se voltaram durante muito tempo e, ainda hoje, se voltam os estudos ecológicos, não raramente, apenas para o registro ambiental sem considerarem que as relações entre os seres humanos e o meio ambiente envolvem, necessariamente, as relações sociais e a construção das subjetividades.

Corroborando essa ideia, Glotfelty (1996, p.19) expressa que “a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, mas, tem um papel num sistema global imensamente complexo, no qual energia, matéria e ideias interagem”.

Isso pode ser entendido, por exemplo no encontro da literatura com a natureza ou, na representação da natureza nos mais diversos gêneros literários. Em *O velho e o mar* (1952), de Hemingway, a simbiose homem e natureza é fundamental para o desenvolvimento da trama e transparece a ideia de que o homem necessita da natureza para sobreviver. Em *The Fifth Sacred Thing*, temos a saga dos indivíduos que por uma situação de diáspora, que se isolaram em busca de sobrevivência em uma América destruída por guerras, fome e seca. O romance, situado em 2048, narra, em terceira pessoa, uma espécie de utopia ecológica.

Starhawk é o pseudônimo de Miram Simos, ativista, feminista e escritora norte-americana nascida em 17 de junho de 1951. Bacharel em Artes pela UCLA, venceu o prêmio Samuel *Goldwyn Writing Award* por seu romance *A Wight of Gold*. É mestre em psicologia com ênfase em terapia feminista pela Universidade West.

A junção da Wicca com a crítica ao patriarcado, valorização da natureza e crítica ao cristianismo foi tão bem articulada nas obras de Miriam Simons (Starhawk) que sua interpretação da Wicca redefiniu a caracterização da religião e tornou a autora mais influente depois de Gardner (TERZETTI-FILHO, 2016, p.86).

Durante a década de 1960, conheceu o escrito a *Carga da Deusa* de Doreen Valiente<sup>4</sup>, foi através dessa leitura da *Carga da Deusa* que Starhawk ouviu falar da religião da Deusa, e isso impactou significativamente sua vida, refletindo nas suas obras posteriores, religiosidade e no seu ativismo ambiental que está diretamente ligado a suas crenças religiosas. Starhawk nos conta que

Enquanto ouvia falar aquelas palavras, fui tomara por uma forte sensação, não a de estar entrando em contato com algo novo, mas a de estar descobrindo nomes a uma estrutura para compreender as experiências que eu já havia tido (STARHAWK, 2007 apud TERZETTI-FILHO, 2016, p.123).

Starhawk dedicou anos de sua vida a bruxaria, porém, o grupo que ela participava, assim como a maioria das religiões, tinha certas exigências e rotinas, o que fez com que ela deixasse a bruxaria de lado por um tempo. Sendo assim, mudou-se para uma região perto de Los Angeles onde teve seu contato inicial com o movimento feminista, todavia, a maioria das feministas naquele contexto encaravam qualquer relação com a religiosidade como uma forma de controle patriarcal (TERZETTI FILHO, 2016) enquanto Starhawk via isso como algo natural. “Um fato importante da vida de Starhawk foi quando conheceu Z. Budapest, uma bruxa feminista, Budapest a convidou para participar do Susan B. Anthony Coven, e ela aceitou” (BUDAPEST, 1989 apud TERZETTI-FILHO 2016), todavia, a tradição de Budapest era separatista e só aceitava mulheres em seu *coven*, o que não agradava Starhawk. Com o passar do tempo, ela tentou escrever alguns livros, mas não

---

<sup>4</sup> Sacerdotisa iniciada por Gerald Gardner, o pai da Wicca

obteve sucesso. Foi nesse momento que Miriam Simos adotou o nome de Starhawk, após sonhar com um falcão e posteriormente tirar uma carta de tarô com a figura de uma estrela (TERZETTI-FILHO, 2016). Outro acontecimento que deu visibilidade a Starhawk, dentre tantos outros, foi quando a teóloga<sup>5</sup> Carol P. Christ lançou um livro intitulado *Woman Spirit Rising*, em 1978 contendo um artigo de Starhawk intitulado *Witchcraft and Women's Culture*, “o artigo falava da bruxaria como uma religião da terra e enfatizava entre outros elementos a superação da dicotomia entre espírito e carne, valorização da individualidade e natureza da Deusa” (TERZETTI-FILHO, 2016, p.89).

A partir desses acontecimentos foi inaugurada a aliança entre feminismo e bruxaria. Posteriormente, a editora *Harper & Row* aceitou publicar *Spiral Dance*, em 1979, o mais conhecido dos livros de Starhawk.

Starhawk lançou outros livros ao longo de sua vida, dentre eles: *Dreaming the Dark: Magic, Sex, and Politics* (1982), *Truth or Dare: Encounters with Power, Authority, and Mystery* (1988), *Webs of Power: Notes from the Global Uprising* (2003), *The Earth Path: Grounding Your Spirit in the Rhythms of Nature* (2004), *The Empowerment Manual: A Guide for Collaborative Groups* (2011).

Em *The Fifth Sacred Thing*, Starhawk permite o leitor adentrar no universo pagão através de canções, poemas e feitiços que são incorporados a narrativa, muitos deles são de sua autoria “A integração da canção e da liturgia em prosa permite que *The Fifth Sacred Thing* conceda aos leitores acesso a palavras e ações rituais que possam constituir o começo de uma prática pagã” (KRAEMER, 2011, p.3)<sup>6</sup>.

Além disso, a autora venceu o prêmio *Lambda Literary Awards* em 1994, com *The Fifth Sacred Thing* na categoria de melhor romance *homoerótico*.

Starhawk apresenta uma esperança para o futuro, mas também faz um alerta para as questões políticas e ambientais, tendo como ponto de partida, a realidade política que a autora viveu, em especial, nos anos 1990. A vida da comunidade ecológica gira em torno das quatro coisas sagradas: ar, água, fogo, e terra. Ou seja, da natureza. As quatro coisas sagradas são representadas no conselho da cidade por

<sup>5</sup> Diferente da teologia que estuda Deus, a teologia estuda a Deusa.

<sup>6</sup> Do original: *the integration of song and liturgy into prose allows The Fifth Sacred Thing to grant readers access to ritual words and actions that could form the beginnings of a Pagan practice.*

representantes mascarados que se sentam em transe, canalizando as vozes dos elementos, e nada pode ser decidido sem a presença dos elementos:

Nós dizemos que existem quatro coisas sagradas e a quinta é o espírito. E quando você vive corretamente com as quatro, você ganha o poder de se conectar com a quinta [...] Elas vivem nas quatro direções: norte, sul, leste e oeste. Ninguém pode possuí-las ou colocar um preço. Viver em harmonia é preservá-las e protegê-las, nunca desperdiçando-as, sempre compartilhar o que recebemos delas [...] Juntas elas formam um círculo mágico que é o círculo da vida, e entendê-lo é o início da cura (STARHAWK, 1993, p. 255).<sup>7</sup>

Pautada em princípios socialistas, os membros vivem dos recursos naturais e de sua produção de alimentos. Os cidadãos de São Francisco tem seu trabalho avaliado igualmente independente da função. Para demonstrar um pouco do pensamento norteador do romance, Starhawk cita Marx ao afirmar que toda riqueza vem do trabalho e que deve ser compartilhada de forma justa, não sendo acumulada apenas por algumas famílias, também há riquezas que se baseiam nos recursos da terra, nas quatro coisas sagradas e ninguém deve lucrar individualmente.

A cidade criada por Starhawk desenvolveu novas tecnologias para tornar-se autossuficiente, congregando com alguns princípios anarquistas como a auto-gestão. Os moradores aprendem desde práticas de agricultura até princípios da medicina. As hierarquias foram eliminadas, ressaltando, mais uma vez, princípios políticos da autora. O romance também explora características da permacultura que tem sido uma ideia defendida por Starhawk nas últimas décadas.

A livre expressão da sexualidade na narrativa faz parte das crenças pagãs da autora onde o rito sexual é sagrado, pertencendo à crença de que o prazer, assim como a terra, é algo sacralizado. A relação entre os personagens homoafetivos Little John e Bird ilustra perfeitamente tal relação. Ambos são jovens, apaixonados e frágeis. Se conhecem em um momento de tensão, no meio de uma guerra mas não abrem mão de vivenciar os extremos da sexualidade e do prazer.

---

<sup>7</sup> *Do Original: We say that there are four sacred things, and the fifth is spirit. And when you live in right relation to the four, you gain the power to contact the fifth[...] They live in the four directions, north, south, east, and west. No one can own them or put a price on them. To live in right relation is to preserve them and protect them, never to waste them, always to share what we have of them [...] Together they form the magic circle, which is the circle of life. And the understanding of that circle is the beginning of all healing.*

Os personagens simpatizam com a comunidade criada por Starhawk, onde os múltiplos caminhos religiosos se cruzam, como, por exemplo, pagãos e judeus. Quando a comunidade é ameaçada pela guerra, a anciã Maya propõe uma reação não violenta ao ataque dos Stewards e dos Millenialists. As personagens principais, Maya e Madrone, avó e neta, são, em suma, a grande anciã e a curandeira da comunidade. Suas identidades são construídas a partir de seu meio, ou seja, a vivência plena com o meio ambiente e os quatro elementos, juntamente com o quinto, que é o espírito.

Starhawk conduz sua narrativa por um viés utópico, religioso e político, utilizando sua obra para propagar o neopaganismo, colocando feitiços e descrevendo rituais em *The Fifth Sacred Thing*. É interessante como a autora consegue englobar diversas temáticas na mesma história. Starhawk faz severas críticas ao seu próprio país, denunciando a indústria bélica, a privatização dos recursos naturais, o ódio aos imigrantes e demais questões.

A relevância da temática consiste em múltiplos olhares. Em um primeiro momento, pretende-se contribuir com os estudos Ecocríticos e Ecofeministas no Brasil, que ainda são pouco conhecidos, estimulando, assim, outros pesquisadores e pesquisadoras a interagir com as temáticas e ilustrar que outras abordagens são possíveis dentro da crítica literária.

## **O ECOFEMINISMO E *THE FIFTH SACRED THING***

Muito embora a teoria Pós-Colonial tenha trazido avanços ao meio literário, quando olha para os sujeitos marginalizados e colonizados, nota-se que ainda há uma lacuna a ser preenchida, quando olhamos para a natureza e os animais, que assim como as mulheres, negros, indígenas, dentre outros grupos oprimidos, têm sido igualmente explorados. Centrando-nos, também, nas questões referentes à escrita de autoria feminina, é inegável a importância de enaltecer tanto as autoras em um geral, como as autoras e teóricas ecofeministas, visto que

A constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas (ZOLIN, 2014, p.215).

Starhawk, nos mostra que a literatura de cunho religioso não-cristão também pode ser trabalhada, explorando os aspectos das crenças neopagãs e como estas têm sido difundidas por meio das narrativas literárias. Além disso, a trajetória de Starhawk desde sua chegada ao neopaganismo tem movimentado as bases dessa religiosidade na medida em que congrega os saberes com a luta feminista, propondo uma conexão com o sagrado feminino de maneira sutilmente política. Assim, Starhawk vai além, explorando múltiplos recursos para construir uma narrativa que ancora as questões místicas, suscitando a conexão do ser humano com a terra.

A literatura ecofeminista abordada pela autora, nos faz dialogar também com os pressupostos teóricos da mesma, lembrando que, além de escritora de ficção, Starhawk tem obras que contemplam questões ambientais e políticas, por isso, se faz necessário o diálogo com suas teorias, além de se trabalhar seus romances. Starhawk direciona sua produção para o ativismo ambiental, permacultura e livros sobre neopaganismo, além de alguns direcionados ao público infantil. Seu trabalho como ativista ambiental é amplamente reconhecido nos Estados Unidos e em alguns lugares da Europa.

O foco de Starhawk consiste na conscientização das pessoas em relação a produção de alimentos, preservação ambiental, respeito ao planeta, e, em menor escala, respeito aos animais. A autora se coloca como ativista anti globalização e suas ações já ocorreram no Brasil, junto ao Movimento Sem Terra.

A Ecocrítica ainda é um campo do saber desconhecido para muitas pessoas, conseqüentemente, poucas pesquisas acadêmicas têm sido direcionadas para essa forma de problematização, causando assim, escassez de referências, principalmente no que tange a materiais bibliográficos traduzidos para o português, o que justifica nossa escolha teórico metodológica em compor nossa pesquisa pelo viés ecocrítico.

Além do mais, direcionar nossa análise para os pressupostos ecológicos nos faz dar mais atenção a essas temáticas e problematizações que são urgentes no momento histórico que estamos vivendo, cercado por uma série de retrocessos dentro daquilo que podemos chamar de medidas para preservação do meio ambiente. Nessa perspectiva, Di Ciommo afirma que:

Uma característica do nosso tempo é o fato de estarmos enfrentando problemas que se entrelaçam numa complexa rede de relações sociais

e ecológicas. Sofremos a ameaça de esgotamento de recursos naturais [...] O ecossistema mundial e a evolução da vida correm o perigo de um desastre ecológico em larga escala, ao mesmo tempo em que a tecnologia industrial contribui para a deterioração do meio ambiente natural do qual dependemos (DI CIOMMO, 1999, p.16).

É nessa perspectiva que se pode entender que uma pesquisa com o arcabouço teórico fundamentado na Ecocrítica se faz necessária, pois, além de ilustrar como a literatura pode surpreender, é um convite para a interdisciplinaridade para se pensar literatura, enriquecendo as problematizações. Vale ressaltar que as ideias ecocríticas reforçam o caráter político da literatura, que pode ser utilizada como instrumento de ativismo e denúncia.

Outro aspecto que reforça a necessidade da temática, é que, ao congregarmos com a interdisciplinaridade, essa discussão serve como aporte para se trabalhar Ecocrítica no ensino de literatura no âmbito da Educação Básica, agregando outras áreas do conhecimento, sejam elas das ciências humanas ou não. Desse modo, se oferece um panorama que suscita a interligação com as outras áreas e demonstrando ao aluno os atravessamentos possíveis entre a produção dos conhecimentos. A necessidade de se trabalhar com o Ecofeminismo primeiramente por tal teoria possibilitar um maior entendimento das narrativas elencadas, visto que as autoras são Ecofeministas. Não obstante, o Ecofeminismo permite compreender a relação das personagens femininas com a natureza, seu respeito pelos animais, seu sentimento de pertencimento a natureza e não o contrário. Além dos princípios Ecofeministas estarem explicitamente ilustrados nas obras, onde as personagens percebem a si mesmas como uma parte de um todo, da ecosfera.

Visto que a literatura não se limita a cristalizar suas teorias e abordagens, mas, compactua e permite um florescimento da renovação constante dos olhares, os modos de fazer e de percebê-la dançam e deslocam as margens para possibilidade outrora inimagináveis.

Assim, a Ecocrítica, que para muitos ávidos leitores ainda é desconhecida, timidamente tem conquistado seu espaço dentro da crítica literária. Ainda que possa ser traduzida como “uma modalidade de análise confessadamente política” como aponta Garrard (2006, p.14), sua relevância ainda não alcançou lugar de destaque nos

aportes teóricos da academia, como a crítica sociológica ou feminista, que congregam dos pressupostos políticos.

A Ecocrítica, de acordo com Rueckert (1978), é “a aplicação da ecologia e dos conceitos ecológicos ao estudo da literatura”<sup>8</sup>. Logo percebemos, pelo discurso de um dos pais da Ecocrítica, que sua constituição é interdisciplinar, visto que dialoga com outras epistemologias. Para Glotfelty (1996, p.19) “ecocrítica é o estudo da relação entre literatura e o meio ambiente”<sup>9</sup>. As definições, ainda que constituídas por poucas palavras, sugerem uma amplitude e grandeza como é a própria ecosfera, que protagoniza as análises Ecocríticas. Neste contexto interpretativo, os olhares dispostos a utilizar das lentes Ecocríticas precisam estar atentos para problematizar como a natureza tem sido representada e se há um espaço para a mesma na literatura.

Ainda que algumas narrativas não são compostas por algum tipo de denúncia ambiental como é o caso de *The Fifth Sacred Thing*, muitos romances, ao longo dos séculos, destacaram a natureza de certa forma, e por meio da releitura, como estratégia pós-colonial (BONNICI, 2009), podemos captar os elementos estéticos que através de novas análises, poderiam ser vistos sob o viés ecocrítico.

O Ecofeminismo “um termo novo para um saber antigo” (MIES; SHIVA, 1993, p.24), surgiu na década de 1970 popularizando-se através dos movimentos sociais, protestos em defesa do meio ambiente, dentre outros; entretanto, um evento pode ser considerado um marco para um possível começo:

O derrame em *Three Mile Island* mobilizou um grande número de mulheres nos Estados Unidos da América a reunirem-se na primeira conferência feminina “As Mulheres e a Vida na Terra”. Uma conferência sobre o Ecofeminismo na década de 80 – em março de 1980, em Amherst. Nesta conferência foram exploradas as ligações entre as feministas, a militarização, a cura e a ecologia (MIES; SHIVA, 1993, p. 24)

O Ecofeminismo consiste na relação entre as mulheres, as demais espécies e a natureza, na medida em que estes foram e são os mais ameaçados pela violência patriarcal que extermina espécies, violenta mulheres e destrói o meio ambiente “A agressão dos guerreiros empresariais e militares contra o ambiente foi sentida como

<sup>8</sup> *the application of ecology and ecological concepts to the study of literature* – tradução nossa

<sup>9</sup> *ecocriticism is the study of relationship between literature and the physical Environment* - *idem*

uma agressão física contra o corpo feminino” (MIES; SHIVA, 1993, p. 25), as ecofeministas então, veem a natureza como uma extensão de seus corpos, igualmente violentada, igualmente desrespeitada e ameaçada. Todavia, faz-se necessário destacar que há duas possibilidades para se pensar o Ecofeminismo: o viés interpretativo político e o espiritual:

O termo espiritual é ambíguo com significados diferentes para as diferentes pessoas. Para algumas, significa uma espécie de religião, embora não baseada na continuação das religiões patriarcais monoteístas do Cristianismo, do Judaísmo ou do Islamismo, todas elas discutivelmente hostis as mulheres e à natureza em face de suas tradições bélicas básicas. Por isso, tentaram reviver uma religião baseada numa Deusa; a espiritualidade foi definida como a Deusa (MIES; SHIVA, 1993, p. 28).

Podemos exemplificar o Ecofeminismo numa perspectiva espiritual por meio das religiões neopagãs que têm ganhado adeptas justamente por promover um culto centrado nas mulheres, a sacralização do feminino e a adoração a figura de uma Deusa materna em oposição do Deus macho patriarcal e destruidor. Starhawk ganhou visibilidade devido a publicação de seu livro *A Dança Cósmica das Feiticeiras* (1979).

A destruição do patriarcado não estava apenas na conquista de direitos, mas na revolução total, na projeção de uma utopia matriarcal. A ênfase na junção da política com a espiritualidade deu o tom das duas primeiras obras fundantes da Wicca Ecofeminista, *The feminist book of lights and shadows* (1975) de Z. Budapest e *Spiral Dance* (1979) de Starhawk (TERZETTI FILHO, 2016, p. 81).

Para Warren, o Ecofeminismo está ligado às opressões num sentido que volta-se exclusivamente para as mulheres em conjunto com a natureza, mas, não contempla os animais, Warren ilustra que

Assim como não há um feminismo, não há um Ecofeminismo ou uma filosofia ecofeministas. O feminismo ecológico tem suas raízes na grande variedade de feminismos. [...] O que distingue o Ecofeminismo é a insistência que a natureza não humana e o naturismo (a dominação injustificável da natureza) são questões feministas (WARREN, 1996, p. 4).

Por outro lado, o Ecofeminismo para Gaard (1996) é de uma maior abrangência pois enxerga os animais sendo tão oprimidos quanto as mulheres, fazendo parte da dominação sofrida pela natureza

O Ecofeminismo é uma teoria que evoluiu de vários campos de investigação feminista e do ativismo: movimentos pela paz, movimentos trabalhistas, cuidados com a saúde da mulher e os movimentos de libertação anti-nuclear, ambiental e animal. Com base nas ideias da ecologia, do feminismo e do socialismo, a premissa básica do Ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como as de raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécies, é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza (GAARD, 1996, p. 1).

Apesar da fértil contribuição de Warren para o Ecofeminismo e para essa pesquisa, no sentido de problematizar as questões de gênero com a natureza, a teoria de Gaard sustenta aquilo que a de Warren causa uma lacuna: os animais. Em *The Fifth Sacred Thing*, os animais têm seu protagonismo. Uma das personagens principais, Madrone, tem uma conexão especial com as abelhas, que a avisam quando alguém na comunidade está doente.

A ética do cuidado proposta por Warren é recorrente na obra. Tal ética é um importante aspecto do ecofeminismo que está ausente no discurso ético tradicional, é a sensibilidade de se perceber em meio a relação com o outro, incluindo a natureza (Warren, 2000). Podemos perceber tal teoria quando Maya realiza um discurso para celebrar o tempo da ceifadora, recordando que a colheita só será abundante se houver chuva, assim acontece com tudo, deve-se cuidar uns dos outros. Maya demonstra que todos são parte da terra, ar, fogo e da água. Os personagens estão sempre abertos a escutar na narrativa, o que também demonstra a visão utópica de Starhawk. Além disso, os mesmos percebem o mundo natural, reconhecendo o papel dos ancestrais nessa percepção.

O romance ainda mostra como todas as crianças param para escutar a sabedoria ancestral. Nesse momento, Madrone recorda uma vez em que sua mãe a levou a montanha para colher plantas e disse: “não tenha medo das serpentes, sente-se quieta e escute os animais e as plantas e entenderá o que eles têm a dizer” (STARHAWK, 1993, p. 51).

Entender a voz na natureza significa dar um passo diante da expansão da consciência, o que é ilustrado quando Madrone se recolhe nas montanhas:

As pedras são lindas lá em cima, um granito branco e cinza branco com manchas escuras e pequenos flashes de quartzo. Quando fiquei um pouco sozinha, começaram a falar comigo. Tudo veio vivo e teve sua própria voz, e eu conseguia ouvir. A deusa me chamou, embora eu ainda não conhecesse seu nome. Sem saber, eu me tornei uma bruxa” (STARHAWK, 1993, p. 74).

Ao escutar as pedras, Madrone nos faz pensar na “mirada afetuosa” proposta por Warren. No romance, as abelhas ajudam a curar pessoas por meio do própolis, estimulando a energia do corpo. Há um momento em que Madrone avista muitas abelhas ao redor de um homem doente, Madrone se comunica com as abelhas que a informam as condições do homem, visto que ela é a curandeira da comunidade, é seu dever intervir e ajudar.

Sendo assim, percebemos que a obra de Starhawk foi e é de grande importância para os estudos ecofeministas na medida em que congrega com o pensamento das teóricas que discutimos ao longo do artigo.

Articulamos os elementos elencados junto à teoria proposta, investigando seus trânsitos e atravessamentos, explicitando como nossa escolha teórica permite uma análise mais fértil das obras por dialogar com a essência das mesmas. Além disso, dialogamos com Starhawk não só como romancista mas também como teórica, visto que a autora possui obras de cunho teórico sobre as temáticas que versam sobre Ecofeminismo, natureza, política e religião.

Analisamos, em especial, duas personagens femininas da respectiva obra. São elas: Maya e Madrone. Tal escolha se justifica por várias razões. Primeiramente porque ambas passam por transformações ao longo de suas vidas, fragmentam-se e reconstróem-se a todo momento.

Enquanto Maya vivenciou uma série de guerras, revoluções e perdas de pessoas queridas em detrimento dos conflitos com os personagens distópico da narrativa Starhawkiana, Madrone resiste para assumir a si mesma que é uma curandeira e que tem poderes, além de uma forte ligação com a natureza e os quatro elementos.

## CONCLUSÃO

Percebemos que Starhawk utilizou sua obra como estratégia política para demonstrar os conflitos de seu país e como, em seus ideais, pode-se construir uma sociedade mais igualitária. Todavia, percebendo sua abordagem utópica, os meios que a autora produziu distanciam-se da realidade humana.

A obra de Starhawk muito contribui para os estudos ecocríticos assim como a ecocrítica é fundamental para entender a narrativa starhawkiana, que é uma narrativa de denúncia. O ecofeminismo é o local de onde Starhawk fala e o ativismo no qual a autora está inserida, seus pensamentos congregam com os das teóricas escolhidas, sendo mais próximo aos pressupostos de Warren, visto que, mesmo com um espaço dedicado aos animais, Starhawk não os coloca como algo de grande importância na narrativa, focando mais nas questões políticas e religiosas.

Religiosamente, o livro apresenta não só algumas práticas neopagãs como retrata outros cultos como os de matriz africana e judaicos, visto que a sociedade proposta é multicultural. Como sacerdotisa, Starhawk colocou na obra muitos de seus cânticos e rituais, hibridizando com as crenças supracitadas.

O empoderamento feminino é retratado por meio da busca de Madrone na aceitação de seus poderes e liderança. A igualdade dos sexos se dá pela divisão dos protagonismos entre Madrone, Maya e Bird, o neto de Maya. Além disso, todos tem voz nas decisões diante dos conflitos que ocorrem na narrativa.

O racismo também é tratado mas de maneira utópica, bem como a questão indígena. A pegada política é enfaticamente socialista, chegando a conter frases de Marx na narrativa, o que também acontece em *“Walking to Mercury”*, que faz parte da trilogia.

Nota-se também que os estudos ecocríticos e ecofeministas tem crescido na academia, ainda que de forma tímida. Dentre as razões, a maioria dos materiais encontram-se em língua inglesa e ainda há muito a ser desvendado em tais epistemologias.

## Referências:

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós colonialista. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

DI CIOMMO, Regina Célia. **Ecofeminismo e educação ambiental**. São Paulo: Editora Uniube, 1999.

GAARD, Greta. **Ecofeminism: Women, Animals, Nature**. Philadelphia : Temple University Press, 1996.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: 2006

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. **The ecocriticism reader landmarks in literary ecology**. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. XV-XXXVII.

MIES, Maria & SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. Fernando Dias Antunes, Lisboa: Coleção Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, 1993.

STARHAWK, **The fifth sacred thing**. Nova York: Bantam Books, 1993.

SOARES, Angélica. **Apontamentos para uma crítica literária ecofeminista**. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa18/apontamentosparauma\\_angeicas\\_oes.pdf](http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa18/apontamentosparauma_angeicas_oes.pdf) Acesso em: Fev 2017

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **A Deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: um estudo da Wicca no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2016

WARREN, K. J. **Ecofeminist Philosophy: a Western Perspective on What It Is and Why It Matters**. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

ZINANI, Cecil J. A. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. 2 ed. Caxias do Sul: Educs, 2013.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.